DOI: 10.67503/2595-153X.v48n56.607

Brincar com a escuta: desenho e silêncio no manejo da angústia

Playing with listening: drawing, silence, and the handling of anxiety

Paula Ferreira Alves[*]

Resumo

A partir de dois processos analíticos conduzidos *on-line*, este artigo investiga a relação entre exigências superegoicas, adaptação ao ambiente e angústia, bem como os problemas técnicos que essa articulação pode colocar para a interpretação. Com Winnicott, propõe-se pensar o brincar como uma qualidade da escuta analítica, ligada à possibilidade de sustentar momentos de não integração. O desenho passa, assim, de um gesto ligado ao trabalho psíquico da analista a um elemento do campo transferencial, passível de ser apropriado e transformado pelo paciente. Propõe-se, por fim, que o manejo da angústia possa passar pela possibilidade de a analista fazer silêncio em si, de modo que algo da experiência singular do sujeito possa emergir.

Palavras-chave: Brincar. Angústia. Winnicott. Supereu. Enquadre *on-line*.

Abstract

Based on two online psychoanalytic processes, this article investigates the relationship between superego demands, adaptation to the environment, and anxiety, as well as the technical problems this articulation may pose for interpretation. With Winnicott, play is proposed as a quality of analytic listening, linked to the possibility of sustaining moments of non-integration. The act of drawing thus moves from a gesture connected to the analyst's psychic work to an element of the transference field, open to appropriation and transformation by the patient. Finally, the article proposes that the handling of anxiety may involve the analyst's capacity to create silence within herself, allowing something of the subject's singular experience to emerge.

Keywords: *Play. Anxiety. Winnicott. Superego. Online setting.*

[*] Mestrado pela Sorbonne Paris-Cité: Creation artistique - parcours art-thérapie. Pós-graduação pelo Centro de Estudios Freudianos de Madrid: Teoria e Técnica Psicanalítica. Especializada em intervenções terapêuticas relacionais pelo Institut Catalat Donald Winnicott. Clínica La Borde (Cheverny, França) - estágio em clínica psiquiátrica fundada sobre as bases da psicoterapia institucional. São Paulo, SP, Brasil. paulafalves@gmail.com

Introdução

Este trabalho nasce de uma configuração clínica que se repetiu, com variações, em alguns dos tratamentos que venho conduzindo: pacientes adultos, competentes em suas áreas de atuação, que chegaram à análise queixando-se do peso da autocobrança, de esgotamento e de uma dificuldade em discernir ou sustentar aquilo que sentiam e desejavam. Em comum, havia uma restrição daquilo que WINNICOTT (1971/2019) descreveu como a capacidade de brincar: a possibilidade de ocupar um espaço intermediário entre a realidade interna e a externa, no qual algo pode ser experimentado sem que precise imediatamente servir a um propósito, corresponder a uma expectativa ou adquirir um sentido definido.

As páginas que seguem reúnem uma revisão teórica e fragmentos de dois processos analíticos, ambos conduzidos integralmente *on-line*, e se organizam em torno de duas questões. A primeira, de orientação metapsicológica: de que modo a adaptação ao ambiente pode funcionar como defesa diante da angústia em sujeitos marcados por exigências superegoicas severas? A segunda é clínica: quando a interpretação corre o risco de ser incorporada à dinâmica adaptativa do paciente, de que maneira o brincar pode contribuir para sustentar uma experiência na qual analista e paciente possam permanecer, por algum tempo, diante do que ainda não adquiriu forma ou sentido?

A hipótese que orienta o artigo é que, quando essa capacidade se encontra comprometida, o brincar pode começar do lado do analista — não como técnica generalizável, mas como disposição para sustentar o silêncio, o não saber e uma área de indeterminação.

Exigência, adaptação e experiência de si

Em *Luto e melancolia* (1917/2010), ao examinar a autocrítica melancólica, Freud descreve como uma parte do Eu pode destacar-se e voltar-se contra outra, fazendo dela alvo de acusações, recriminações e rebaixamento. Essa formulação antecipa o que, na segunda tópica, será conceituado como Supereu. Em *O Eu e o Id* (1923/2011), Freud propõe que essa instância se constitui a partir das identificações com as figuras parentais, por meio das quais o sujeito internaliza proibições e ideais que passam a orientar e regular o Eu. Embora derive dessas relações, o Supereu não se reduz à reprodução das exigências recebidas do exterior. Em *O mal-estar na civilização* (1930/2010), Freud mos-

tra que, quando o sujeito renuncia à expressão da agressividade dirigida ao outro, essa agressividade pode voltar-se contra o próprio Eu, produzindo um paradoxo: a obediência não necessariamente apazigua o Supereu; aquilo a que o sujeito renuncia pode retornar à vida psíquica sob a forma de intensificação do sofrimento.

O modo como essas exigências se organizam, contudo, varia segundo a história de cada sujeito. Em um dos casos discutidos adiante, essa questão encontra uma formulação particularmente fecunda nos escritos de Ferenczi sobre o trauma. Em *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (1933/1992), Ferenczi descreve como, diante de uma situação abusiva envolvendo alguém de quem depende e a quem não pode se opor, a criança pode identificar-se com o agressor, sentindo-se culpada pelo ocorrido. A experiência adquire uma dimensão ainda mais traumática quando, ao ser comunicada a outro adulto, encontra uma resposta de desmentido: o que a criança viveu é minimizado ou tratado como se não tivesse ocorrido. O efeito não incide apenas sobre a confiança no outro; pode atingir a própria capacidade de confiar naquilo que se percebe e sente.

Nos dois casos clínicos examinados, por caminhos distintos, os pacientes orientavam-se predominantemente por expectativas atribuídas ao outro: seja diante da dúvida quanto à própria percepção, seja pela busca de uma orientação externa para desejar e agir. A noção winnicottiana de falso self permite pensar esse modo de relação com o ambiente. Para Winnicott, alguma capacidade de adaptação às exigências externas faz parte da vida social; o problema se coloca quando a submissão passa a predominar sobre a possibilidade de um gesto espontâneo. Nos casos aqui apresentados, responder ao ambiente tornou-se uma maneira de preservar o vínculo, ao preço de uma crescente distância em relação àquilo que era experimentado como próprio.

A teoria freudiana da angústia nos permite compreender a função defensiva que essa forma de adaptação pode assumir. Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926/2014), Freud toma o nascimento como vivência traumática inaugural, na qual o bebê se encontra em estado de desamparo diante de uma excitação que não consegue dominar. Posteriormente, diante de uma situação que o ameaça, o Eu antecipa a possibilidade de reviver algo desse desamparo originário. A angústia-sinal surge justamente nessa antecipação: produz-se uma descarga que mobiliza defesas antes que a experiência traumática se repita. Ao longo do desenvolvimento, diferentes situações podem desencadear esse sinal, entre elas a ameaça da perda do objeto, de seu amor e, mais tarde, da punição do Supereu.

Nos casos aqui discutidos, sustentar uma percepção, um desejo ou um gesto próprio podia adquirir justamente esse valor de perigo. Contrariar aquilo que se supunha esperado significava expor-se à ameaça do desamparo. A adaptação ao ambiente assumia, assim, uma função defensiva: orientar-se pelo outro oferecia alguma proteção diante da incerteza do vínculo, enquanto aquilo que não encontrava expressão podia retornar sob a forma de ressentimento e autodepreciação.

No trabalho com esses pacientes, percebi que a palavra da analista podia ser incorporada a este circuito, adquirindo o valor de uma exigência à qual corresponder. Uma interpretação, ainda que formulada como hipótese acerca da experiência do paciente, pode tornar-se uma nova referência para aquilo que deveria sentir, desejar ou compreender. Nos dois casos, esse risco assumiu formas distintas, mas colocou um mesmo problema técnico: como intervir sem se antecipar ao que ainda está se constituindo? É nesse ponto que o brincar passa a interessar como dimensão do trabalho analítico.

O brincar no trabalho da analista

Na psicanálise, o brincar foi inicialmente pensado como via de expressão e elaboração psíquica infantil. FREUD (1920/2010) descreveu como seu neto, na brincadeira com o carretel, encenava o desaparecimento e o retorno da mãe, transformando em ação uma ausência que havia vivido passivamente. Melanie Klein (1932/1997), por sua vez, fez do brincar uma via privilegiada de acesso às fantasias inconscientes na análise de crianças.

Com Winnicott, porém, o estatuto do brincar se amplia. Ele passa a interessar não apenas pelo conteúdo que comunica, mas pelo próprio ato de brincar, entendido como uma modalidade particular de experiência. O brincar mobiliza a criatividade. A psicoterapia pode ser pensada, então, a partir dessa concepção:

> A psicoterapia ocorre na intersecção entre duas áreas do brincar: a do paciente e a do terapeuta. Tem a ver com duas pessoas brincando juntas. O corolário disso é que, quando essa brincadeira não é possível, o trabalho do terapeuta consiste em retirar o paciente de um estado marcado pela incapacidade de brincar e trazê-lo para um estado em que consegue fazê-lo (WINNICOTT, 1971/2019, p. 69).

Para Winnicott, a possibilidade de brincar depende de um ambiente suficientemente confiável, capaz de sustentar um estado de relaxamento no qual o sujeito não precise permanecer em prontidão para responder às demandas do ambiente. É nesse horizonte que se situa a capacidade de estar só: poder permanecer sem que aquilo que emerge precise ser imediatamente organizado ou comunicado.

Quando a exigência de responder ao ambiente se afrouxa, abre-se também a possibilidade de entrar em contato com experiências que a adaptação ajudava a manter à distância, inclusive a angústia. É nesse estado de relaxamento, sustentado por um ambiente suficientemente confiável, que Winnicott situa a possibilidade de repousar em momentos de não integração. Nesses momentos, pensamentos, sensações e imagens podem coexistir sem precisar compor imediatamente uma coerência. A não integração não equivale à desintegração, mas à possibilidade de permanecer, por algum tempo, sem a exigência de produzir unidade. É justamente essa possibilidade que pode ser interrompida quando o terapeuta se apressa em organizar a experiência ou encontrar para ela um sentido:

> Uma oportunidade de repouso foi perdida devido à necessidade que o terapeuta teve de encontrar sentido onde não existe. O paciente não pôde repousar por causa de um fracasso na provisão ambiental, desfazendo o seu senso de confiança. (WINNICOTT, 1971/2019, p. 84)

Se a psicoterapia supõe a sobreposição entre duas áreas de brincar, a dificuldade do paciente em permanecer nessa zona de indeterminação coloca também em questão a posição da analista e sua própria capacidade de brincar. Conter a pressa em dar sentido aos silêncios e hesitações participa desse trabalho. É nesse ponto que proponho pensar o brincar como uma capacidade criativa que se manifesta tanto na mobilidade da escuta quanto na plasticidade do manejo.

Vinheta 1 - Lia[1]

Lia procurou análise queixando-se de não conseguir concluir sua pesquisa acadêmica e de sentir-se constantemente inadequada. Desde o início, chamou

1. Alguns aspectos das duas vinhetas clínicas apresentadas neste artigo foram discutidos anteriormente em Alves (2025).

minha atenção a rapidez com que retomava minhas formulações como se fossem conclusões próprias, dando a impressão de que buscava encontrar a resposta correta para a sessão. Algo semelhante aparecia na relação com a orientadora: Lia se preocupava em corresponder ao que imaginava ser esperado dela, ao mesmo tempo que tinha dificuldade de reconhecer e sustentar uma direção para a pesquisa. Quando lhe perguntei se guardava alguma lembrança do pai, ausente desde seus primeiros anos de vida, respondeu: "Não. Sei que preciso trabalhar esta questão" – e logo mudou de assunto. Em outra ocasião, ao ser perguntada sobre o que sentia diante de determinada situação, disse: "Não tenho a capacidade de sentir. Vivo uma enorme solidão, um desamparo tremendo, mas não consigo experimentá-lo". Suas formulações me pareciam precisas, na medida em que correspondiam a fragmentos de sensações que sua fala evocava em minha escuta; contrastavam, porém, com algo pouco encarnado em seu modo de enunciá-las.

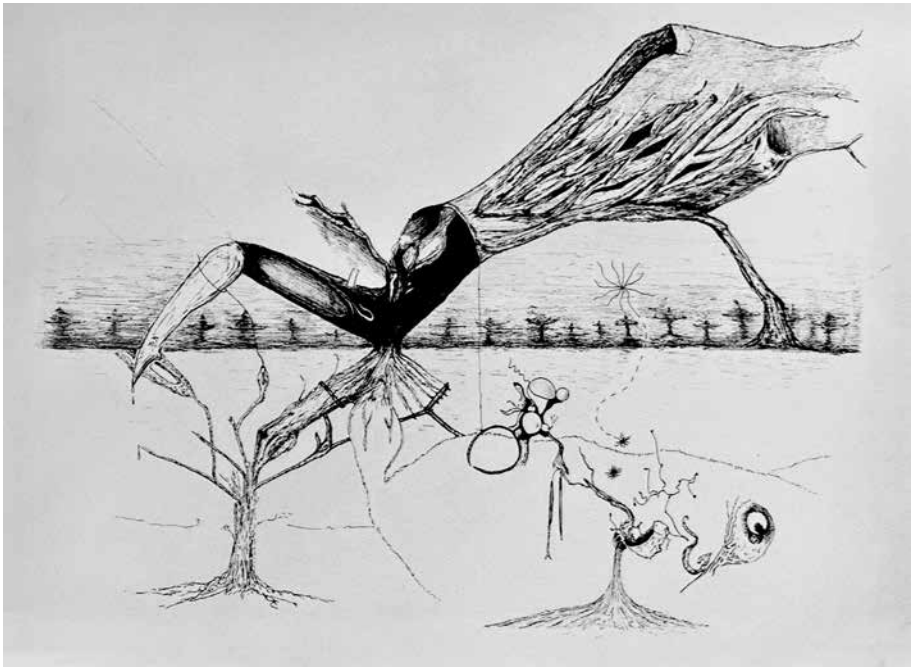
Esse descompasso entre a precisão das formulações e a dificuldade de se apropriar da própria experiência parecia prolongar uma adaptação precoce. Lia se descrevia como uma criança silenciosa e solícita. A mãe, pouco disponível para suas questões, recorria à filha para lidar com problemas familiares. Em uma sessão, contou que um companheiro da mãe havia se aproximado dela de modo sexualizado e abusivo. Anos depois, ao relatar o acontecimento à mãe, ouviu que se tratava apenas de uma fantasia. O episódio ofereceu uma via de reflexão sobre sua dificuldade de sustentar aquilo que percebia e sentia: diante do desmentido, a palavra do outro podia adquirir maior consistência do que sua própria experiência. Passei a me perguntar em que medida minhas próprias formulações, rapidamente incorporadas por Lia, poderiam ocupar esse lugar de referência externa.

A pedido da paciente, retiramos a câmera e passamos a trabalhar apenas por áudio. Sem a exposição do rosto, Lia permanecia longos períodos em silêncio. De tempos em tempos, perguntava: "Você ainda está aí?". Passei então a fazer pequenos ruídos com uma caneta sobre o papel, de modo que pudesse escutar minha presença sem que o silêncio precisasse ser interrompido. Aos poucos, os rabiscos foram se transformando em desenhos. O gesto não havia sido planejado como intervenção. Seu primeiro efeito ocorreu em mim: desenhar diminuía a urgência de compreender, perguntar ou oferecer uma formulação e me ajudava a permanecer com a paciente diante da angústia que atravessava aqueles silêncios.

Depois de algumas sessões nessa configuração, foi em meio a um desses silêncios que Lia soltou: "Me sinto refugiada em minhas fantasias. Nelas, pare-

ce que estou constantemente tentando dizer algo a alguém que não acredita no que digo". A frase trazia para o interior da análise o problema de sustentar uma experiência sem a esperança de que ela fosse reconhecida pelo outro. Perguntei se imaginava que algo semelhante pudesse acontecer entre nós.

Nos meses seguintes, algumas mudanças se deram em sua vida: Lia concluiu sua pesquisa e estabeleceu novos vínculos. Contudo, ao se envolver em uma relação amorosa, voltou a perceber sua tendência a agradar e a perder de vista o próprio desejo. Quando a relação terminou, intensificou-se novamente seu estado depressivo. Decidi enviar-lhe um desenho que havia feito durante nossas sessões. Compartilhá-lo permitia que passasse a integrar o campo analítico como algo aberto a associações.



Ao receber a imagem, Lia falou em metamorfose. Viu uma larva que se transformava em borboleta e associou ao desenho sentimentos simultâneos de frustração e liberdade: aquilo de que tentava se desprender também lhe oferecia uma estabilidade conhecida.

Nos meses seguintes, Lia passou a confrontar-se mais diretamente com sua dificuldade em sustentar escolhas e a reconhecer o quanto depositava nas

relações amorosas a expectativa de proteção contra o desamparo. Essa percepção tornava mais visível o lugar que a busca de garantias no outro ocupava em suas escolhas. A possibilidade de permanecer diante da incerteza sem recorrer imediatamente a uma referência externa começava a aparecer no processo, ainda de maneira instável.

Vinheta 2 - Dani

Dani procurou análise em meio a uma separação e a um forte sentimento de fracasso. Embora tivesse uma vida profissional estável, dizia-se profundamente insatisfeito com o trabalho e comparava-se continuamente com outros homens, diante dos quais se sentia insuficiente. Dizia ter organizado a vida em torno das expectativas da ex-esposa e, na relação atual, escondia da namorada sua situação financeira, assumindo gastos acima de suas possibilidades para acompanhar seu padrão de vida. Declarava-se incapaz de dizer não. Um limite colocado ao outro podia adquirir rapidamente o valor de uma ameaça ao vínculo. Nessa medida, sua adaptação parecia funcionar não apenas como submissão às expectativas alheias, mas também como uma forma de manter à distância a angústia suscitada pelo medo do abandono.

Algo semelhante aparecia em sua relação com o trabalho. Dani chegava às sessões com sucessivos projetos de transformação profissional, frequentemente acompanhados da expectativa de que ganhar mais dinheiro resolveria aquilo que experimentava como fracasso. Certa vez, quando lhe perguntei o que imaginava encontrar nessa transformação, começou a chorar. Com uma voz subitamente infantil, disse que precisava ter sucesso porque, caso contrário, sua namorada o abandonaria e ele acabaria sozinho. A fala tornava mais claro um circuito que atravessava diferentes aspectos de sua vida: ao organizar-se em função das expectativas do outro, Dani perdia de vista aquilo que poderia reconhecer como próprio; diante da incerteza sobre o que desejava, voltava a buscar no outro uma orientação, reiniciando o circuito.

À medida que esse mecanismo se tornava insuficiente, apareciam com maior nitidez o desânimo, a dificuldade de concentração e uma sensação de impotência que contrastavam com seus sucessivos projetos de mudança. Em alguns momentos, Dani dizia que eu jamais poderia compreender sua situação e que, para mim, a vida era mais fácil por eu ser mais jovem. Procurei não responder imediatamente ao ressentimento, à inveja e ao desamparo que atravessavam essas falas. Foi nesse contexto que propus uma variação do enqua-

dre: retirar a câmera e experimentar realizar a sessão deitado, numa adaptação do uso do divã ao contexto *on-line*.

A partir daí, suas pausas se tornaram mais frequentes e sua voz passou, por vezes, ao sussurro. Minha impressão era de que a retirada da imagem diminuía a pressão de acompanhar minha expressão ou de se perceber sendo observado. Passei a desenhar enquanto o escutava, explorando a mesma via que havia se aberto com Lia. Dani repetia constantemente: "Estou perdido". Falava da culpa por ter traído a ex-mulher e por ter, em suas palavras, "estragado o casamento". Em meio a um desses momentos, contei-lhe que vinha desenhando enquanto o escutava e mostrei-lhe uma imagem.



Ao vê-la, Dani começou a rir, angustiado. Disse que o desenho se chamava "tabu". Depois acrescentou: "Acho que para mim desejar não é permitido. Me sinto todo errado, deitado aqui cheio de tensão, esperando que uma mulher me diga o que fazer". A associação marcava um momento em que Dani pôde reconhecer que, quanto mais se orientava pelo outro, mais perdia de vista o próprio desejo e, diante dessa incerteza, buscava no outro uma direção.

Na sessão seguinte, Dani voltou a dizer que estava perdido. Afirmou que a análise não estava funcionando e que talvez devêssemos encerrá-la. Logo pas-

sou a me perguntar como eu avaliava seu processo e o que pensava que deveria fazer. Perguntei: "Você espera que eu te diga o que fazer?". Depois de um silêncio, respondeu: "Você também não sabe o que devo fazer!". A frase me pareceu marcar uma inflexão importante: eu já não podia ocupar o lugar daquela que o orienta. Disse-lhe que realmente não tinha uma resposta e procurei permanecer com ele diante do desconhecido.

Pouco tempo depois, diante de uma proposta da namorada para viajarem, Dani conseguiu dizer que não poderia acompanhá-la porque isso comprometeria suas finanças. A reação dela o angustiou e, na sessão seguinte, repetiu algumas vezes que "era preciso aprender a dizer não". A própria tentativa de estabelecer um limite parecia converter-se rapidamente em outra regra a cumprir, reproduzindo a lógica de exigência que vínhamos encontrando em outras áreas de sua vida. Perguntei se aquele "não" ao outro poderia também preservar algo que lhe era próprio. A questão parecia deslocar-se, então, de aprender uma nova forma de agir para poder suportar a angústia implicada em não se orientar imediatamente por uma referência externa. Se a adaptação lhe oferecia alguma proteção contra o risco de perda e abandono, afastar-se dela significava também renunciar à esperança de que houvesse alguma garantia capaz de protegê-lo da incerteza do vínculo.

O brincar como manejo técnico

Chego, assim, à segunda questão anunciada na introdução, que constitui o centro deste trabalho: em que sentido o brincar orientou as escolhas técnicas descritas e com base em que critérios? Nos dois casos, minhas palavras corriam o risco de serem capturadas pela organização defensiva dos pacientes. Em Lia, podiam ser rapidamente incorporadas; em Dani, podiam ser tomadas como imperativo diante da angústia em reconhecer e sustentar aquilo que desejava. Passei a intervir com maior reserva, procurando conter a tendência a preencher hesitações com uma fala ou interpretação. O manejo buscava sustentar o tempo daquilo que ainda não havia adquirido forma, acompanhando o que pudesse surgir do próprio paciente. A elasticidade da técnica proposta por FERENCZI (1928/1992) encontra aqui ressonância: o manejo se modifica em função das condições singulares do processo e daquilo de que o paciente pode fazer uso em determinado momento.

Foi nesse contexto que os desenhos começaram a aparecer. Num primeiro tempo, eles não eram uma intervenção dirigida aos pacientes; surgiram enquanto eu escutava, sobretudo em momentos de angústia nos quais percebia

em mim uma pressão para compreender, perguntar ou dizer algo. Desenhar produzia um deslocamento nessa urgência, sem que eu perdesse um certo estado de presença na sessão.

Retrospectivamente, passei a compreender esse gesto como uma forma de brincar da própria analista. O desenho mantinha em funcionamento uma área de associação justamente quando o campo tendia a se tornar rígido, saturado pela expectativa de palavras ou pela procura de sentido. Seu primeiro efeito, portanto, não incidiu sobre o paciente, mas sobre minha própria possibilidade de escuta. Se, para Winnicott, a psicoterapia acontece na sobreposição entre as áreas de brincar do analista e do paciente, esses casos me levaram a perguntar o que ocorre quando o par analítico encontra dificuldade em ocupar essa área. Nesses momentos, a capacidade do analista de conservar alguma mobilidade associativa e permanecer diante do que ainda não está organizado pode contribuir para que o campo não se feche prematuramente.

Um segundo tempo se inaugurou quando os desenhos foram apresentados aos pacientes. Essa passagem alterou a natureza do gesto: o desenho passou a integrar o campo transferencial. Mostrar um desenho implicava, portanto, uma decisão técnica. Procurei oferecê-lo sem atribuir-lhe previamente um significado: uma vez compartilhada, a imagem podia ser encontrada e recriada pelo paciente segundo suas próprias associações, permitindo-me acompanhar o uso que ele pudesse fazer dela.

A escolha do momento de compartilhar a imagem, nesse sentido, participava desse mesmo trabalho de escuta. Nos dois casos, optei por fazê-lo quando o silêncio já podia ser sustentado entre nós como uma experiência compartilhada, apoiada em uma confiança suficiente para que a angústia pudesse emergir sem exigir uma resposta imediata. Assim, o desenho não ocupou o lugar de uma técnica privilegiada, e o silêncio tampouco foi buscado indiscriminadamente. O que essas experiências colocam em primeiro plano é a possibilidade de o analista mobilizar sua própria criatividade, variando suas formas de escuta e intervenção em função das condições singulares do encontro.

O enquadre on-line e suas possibilidades

Nos dois tratamentos, o enquadre *on-line* participou diretamente das escolhas de manejo. A possibilidade de trabalhar apenas com a voz e experimentar diferentes posições corporais modificou a dinâmica das sessões e introduziu outras condições de presença entre paciente e analista. Seus efeitos, contudo, foram distintos em cada tratamento. Em Lia, a ausência da imagem tornou mais sensível a

questão da continuidade da presença, conferindo ao som e ao silêncio um peso particular na sessão. Em Dani, percebi uma diminuição da pressão de tentar decifrar minha expressão, favorecendo a emergência de uma tonalidade de voz mais infantil e sussurrada, que produzia em mim uma sensação de maior intimidade e passava a integrar minha escuta contratransferencial.

Essas variações me levaram a pensar o enquadre on-line em sua especificidade, como um campo que exige do analista alguma invenção diante de suas condições próprias. Por exemplo, os ruídos da caneta surgiram da necessidade de tornar minha presença sensível. Pequenas variações como essa podem adquirir funções distintas diante de cada paciente e em diferentes momentos do tratamento; seu valor clínico depende dos efeitos que produzem no processo.

Considerações finais

Os dois casos discutidos permitiram pensar a adaptação ao ambiente como uma defesa diante da angústia. Em Lia e Dani, orientar-se pelas expectativas do outro oferecia alguma proteção diante do risco de perda e do desamparo, ao mesmo tempo que tornava mais difícil reconhecer e sustentar aquilo que percebiam ou desejavam. Essa organização colocava também um problema técnico: a palavra da analista podia ser incorporada como uma nova referência externa, reforçando o próprio circuito entre exigência, adaptação e angústia que o trabalho analítico buscava tornar perceptível.

Em *Como trabalha um psicanalista?* (NASIO, 1999, p. 126) propõe que a ferramenta do analista é seu próprio inconsciente e que, para se tornar disponível à escuta, precisa poder "fazer silêncio-em-si". Essa formulação ajuda a nomear retrospectivamente algo que procurei pensar ao longo deste trabalho. O desamparo do paciente mobiliza também a analista e, em certos momentos da sessão, pode produzir uma pressão intensa por responder de alguma forma. Fazer silêncio em si implica poder reconhecer essa urgência e permanecer por algum tempo diante do que ainda não adquiriu forma.

O desenho constituiu, para mim, uma maneira de trabalhar essa mobilização. Antes de produzir uma imagem para o paciente, produziu silêncio na analista, preservando uma área de associação. Os dois casos sugerem que o efeito clínico desse manejo reside em tornar suportável, no interior da relação analítica, uma suspensão momentânea das referências que habitualmente organizavam a experiência. É nesse intervalo que o brincar adquire sua função técnica: preservar um espaço em que percepção, desejo e gesto possam adqui-

rir forma antes de serem novamente capturados pela lógica superegoica da exigência e da adaptação ao outro.

Referências

ALVES, P. F. O brincar como ferramenta clínica frente às formações tirânicas do Supereu. *Revista de Psicanálise da SPPA*, Porto Alegre, v. 32, n. 1, 2025.

FERENCZI, S. (1928). Elasticidade da técnica psicanalítica. In: _____. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25-36. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).

_____. (1933). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In: _____. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 97-106. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).

FREUD, S. (1917). Luto e melancolia. In: _____. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194. (Obras completas, 12).

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239. (Obras completas, 14).

_____. (1923). O Eu e o Id. In: _____. *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74. (Obras completas, 16).

_____. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: _____. *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-123. (Obras completas, 17).

_____. (1930). O mal-estar na civilização. In: _____. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-122. (Obras completas, 18).

KLEIN, M. (1932). *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

NASIO, J-D. *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

WINNICOTT, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.

Tramitação

Recebido 22/11/2024

Aprovado 11/09/2026